

ASPECTOS INTERVENIENTES NA AQUISIÇÃO DE PALAVRAS

Risonete Lima de Almeida*

RESUMO

O presente artigo descreve parte da pesquisa desenvolvida durante o mestrado, a respeito dos aspectos lingüísticos e esquemas intelectuais presentes na aquisição das primeiras palavras. O estudo possibilitou identificar como esses aspectos interagem, privilegiando os estudos sobre as etapas aquisicionais da língua, os processos inerentes ao desenvolvimento lexical inicial e a teoria piagetiana sobre a gênese da estrutura representacional que explica as transições dos esquemas intelectuais que concorrem para o desenvolvimento da linguagem verbal. Embora não tivéssemos o objetivo de investigar sobre atrasos na aquisição das palavras, o padrão de linguagem de uma criança de 15 meses de idade, do sexo masculino, se constituiu em objeto de análise da referida pesquisa. O caminho metodológico adotado na investigação, configurada em um estudo de caso, possibilitou, a partir de uma multiplicidade e diversidade de situações contextuais, a apreensão de fenômenos lingüísticos associados a condutas psicomotrizas que denotavam a presença da função semiótica em fase inicial. A análise dos dados revelou que as diferenças existentes na compreensão e/ou na produção de palavras, por uma determinada criança em relação às demais, podem ser atribuídas a fatores próprios do desenvolvimento, mas também podem estar relacionadas às disfunções de ordem central ou periférica.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem; Primeiras Palavras; Compreensão e Produção; Esquemas Intelectuais.

1 INTRODUÇÃO

Do primeiro choro até a produção das primeiras palavras, a criança apresenta diferentes padrões de linguagem. A aquisição pela criança começa muito cedo, quando, então, podemos perceber as primeiras manifestações sonoras – característica do período que antecede a fala. Nos bebês, a partir dos dois meses de idade, já podemos perceber que a linguagem gestual é evidente em interação com a linguagem expressiva representada pelo choro, vocalizações, arrulhos, balbucio e jargão. Os primeiros padrões combinatórios de sons aparecem por volta de seis meses de idade, quando as crianças já são capazes de balbuciar e indicam uma base segura para a aquisição das primeiras palavras. Trata-se de um processo que acontece de forma natural, pois a criança não necessita de instrução formal e sistemática.

* Mestre em Letras – UFBA; Especialista em Psicopedagogia Escolar e Clínica – Centro de Estudos de Pós-Graduação Olga Mettig; Graduação em Letras – UFBA.

Aproximadamente aos doze meses de idade, nos surpreende o ingresso da criança no universo vocabular da comunidade de falantes a que pertence.

O processo aquisitivo da linguagem iniciado muito cedo, e de forma natural, decorre de algumas circunstâncias favoráveis. A criança ouvinte está imersa em um universo sonoro desde o seu nascimento. Por meio das vias auditivas, ela recebe estímulos, desde vozes humanas até os mais diferentes ruídos do ambiente onde vive. Assim, a partir dos seis meses de idade, ela vai apreendendo, organizando e interagindo com este universo.

Quando as crianças começam a produzir palavras, organizam seu mundo diferentemente. Antes, quando as palavras ainda estão ausentes, os processos mentais responsáveis pela produção solicitam uma compensação, cabendo à linguagem gestual esta função de equilíbrio compensatório, quando se torna evidente a compreensão.

A compreensão é entendida aqui como qualquer manifestação que denuncie que a criança é capaz de se expressar por meio de algum tipo de linguagem, seja verbal, seja gestual, revelando, de modo coerente e com adequação, a assimilação do *input* lingüístico a ela dirigido. A produção, por sua vez, corresponde a uma expressão verbalizada de uma palavra da língua adulta atualizada em um contexto coerente (McCARTHY, 1954 apud INGRAM, 1989).

Durante a pesquisa de Mestrado em Letras, recorri aos estudos de Teixeira (1995) sobre as diferentes etapas aquisicionais, o que foi significativamente elucidativo devido à especificidade do estudo, sobretudo por descrever o período da pré-fala e fenômenos inerentes ao período das primeiras palavras. Neste contexto, pude compreender a produção lingüística apresentada por uma criança de 15 meses de idade, com padrões que revelam uma transição entre o período da pré-fala e o anúncio das primeiras palavras.

2 A MATURAÇÃO DOS ESQUEMAS SENSORIO-MOTORES COMO INTERVENIENTE EVOLUTIVO.

No princípio da década de 80, as pesquisas desenvolvidas por Bates e colaboradores procuraram justificar o aspecto sucessivo do desenvolvimento infantil, propondo uma continuidade funcional entre os períodos pré-lingüístico e lingüístico.

Atribuindo aos comportamentos comunicativos do período sensório-motor o *status* de proto-categorias lingüísticas, Bates *et al.* (1979) estudaram a emergência dos proto-performativos durante o primeiro ano de vida, i.e., os autores examinaram o estabelecimento da comunicação intencional (gesto, contato de olho, vocalizações) antes do aparecimento da

linguagem verbal ligada aos seus primeiros usos. Posto assim, as estruturas performativas desenvolvem-se anteriormente ao seu aparecimento no discurso e refletem o estágio cognitivo do sujeito.

Estes pesquisadores enfocavam a interação mãe-filho como determinante de distintas fases lingüísticas. Ao observarem as transformações que passam a interação mãe-filho, experiência com crianças de dois a doze meses, identificaram três fases: perlocutória, ilocutória e locutória. Na fase perlocutória, a criança, que dispõe de um sistema pré-figurado de intencionalidade e predisposições para fins sociais (ri mais para pessoas e vozes do que para outros estímulos visuais), exerce um efeito sistemático sobre o ouvinte sem ter um controle intencional consciente desse efeito. A mãe interpreta a atividade motora da criança como sinais, e as interações estabelecem-se a partir do prazer mútuo dos parceiros, preparando as bases da interação social.

Aproximadamente dos dez meses em diante, inicia-se a fase ilocutória, em que a criança usa sinais não-verbais para pedir e dirigir a atenção do adulto a objetos e eventos. Situa-se no quinto estágio do período sensório-motor, momento em que a criança percebe que suas ações não são a fonte dos eventos do mundo. Isto lhe permite analisar as relações meio-fim das quais participa e, então, usar o mundo externo a serviço de seus objetivos. Ao mesmo tempo, este estágio propicia o aparecimento dos protoimperativos e proto-declarativos como, por exemplo, mostrar o objeto, dar o objeto e apontá-lo para conseguir a atenção do adulto. Em outras palavras, a criança aprende a sinalizar.

A partir dos doze meses, na fase locutória, os performativos sensório-motores cedem lugar à comunicação via palavras com um valor simbólico. A criança constrói proposições e emite sons nas mesmas seqüências performativas, expressas anteriormente de forma não verbal. As vocalizações anteriores transformam-se, gradualmente, em proposições com valor referencial. Esse desenvolvimento está subordinado às capacidades de representação interna próprias ao sexto estágio do período sensório-motor, período em que a criança varia as condições de exploração e tateamento do objeto, quando também é notória a descoberta de novos meios para realizar uma ação. De posse dos processos de reversibilidade, da inteligência, e a partir da elaboração de organização causal e/ou espacial, a criança parece perceber que os esquemas do seu repertório são adequados para atingir todos os fins.

Percebemos que o uso da interação social, como unidade de análise, representa um avanço extraordinário nesta perspectiva, definido como elemento que oferece as condições para o desenvolvimento humano. Significa, portanto, que o bebê, desde o momento de seu nascimento, é imerso na interação com o adulto num mundo repleto de sistemas simbólicos,

entre os quais a linguagem, e que é nesse contexto que ele irá, gradativamente, se constituir como sujeito, conceitualizando e organizando a realidade. Entretanto, reiteramos a importância da ação para o acesso ao mundo físico e social, estabelecendo significados e conceitos que levam à construção do conhecimento.

Bates e colaboradores tentaram achar a explicação para as diferenças individuais no comportamento lingüístico de crianças pequenas durante a fase de transição entre as primeiras palavras e as primeiras ocorrências sintáticas. Conclui-se, então, que os progressos pré-lingüísticos alcançados são devidos à maturação dos esquemas sensório-motores, já que existe uma coincidência entre as idades em que estes fenômenos lingüísticos surgem e os achados piagetianos sobre o desenvolvimento intelectual.

3 E SE FALTAREM AS PALAVRAS?

Vocalizações, balbucios e palavras são expressões utilizadas pelas crianças no período inicial da aquisição da linguagem, conforme Teixeira (1995), quando considera que as diferentes etapas aquisicionais da língua são representadas por segmentos sonoros que evoluem para unidades maiores. Tais expressões coexistem com as ações motrizes das crianças neste período inicial. É possível que a criança apresente sinais de compreensão quer atendendo a comandos, quer quando respondem as frases dos adultos, porém, pode não apresentar produção de enunciados.

O que determina essa diferença? Como podemos interpretar o padrão lingüístico quando a produção ainda não ocorre ou se apresenta muito inferior à compreensão? São questionamentos que os estudiosos fazem e empreendem pesquisas.

Há circunstâncias que se constituem em adversidades para a aquisição das primeiras palavras. Na pesquisa empírica, observamos que um dos sujeitos enfrentava obstáculos para se expressar verbalmente, embora compreendesse a linguagem oral que lhe era dirigida. Para adentrar mais especificamente no caso do desenvolvimento lexical de HM (15 meses), transcrevemos os registros feitos e as declarações obtidas. O vocabulário médio de compreensão de palavras foi de 193 palavras; enquanto a produção foi representada pelos enunciados “ai”, “grrrr”, “miau”, “piu-piu”, “papa”, “mamã”, “dada” e “tata”, totalizando oito palavras.

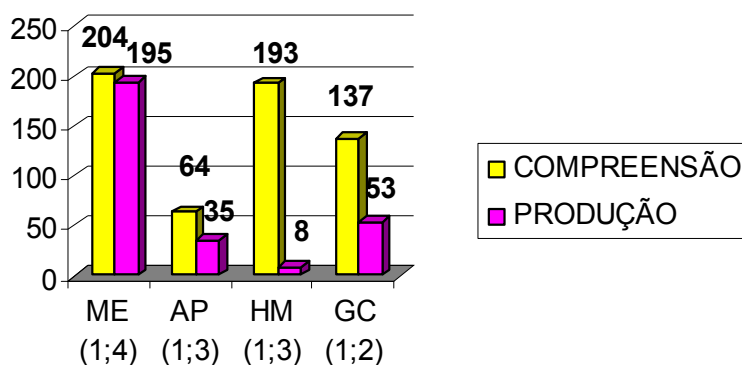


Gráfico 01 – Relação Compreensão versus Produção dos itens lexicais testados

O gráfico ilustra a relação existente entre os níveis da compreensão e da produção de quatro crianças. Observa-se que, embora HM (15 meses) agregue um maior número de palavras no nível da compreensão em relação aos sujeitos AP (15 meses) e GC (14 meses), os dados de produção são bastante inferiores em relação ao grupo.

Certamente, a discrepância entre a linguagem de caráter receptivo, ou seja, aquilo que se demonstra compreender da linguagem de outrem, e a linguagem expressiva verbal, é uma razão para se especular o que pode provocar as diferenças tão acentuadas em ambos os aspectos da linguagem.

A esse respeito, quando a compreensão supera a produção de palavras com acentuada diferença quantitativa, considera-se que essa diferença pode ser explicada como decorrente de alguma modificação funcional que, por sua vez, poderá estar situada nos componentes articulatorios do aparelho fonador, ou mesmo em regiões cerebrais.

4 CAUSAS ADVERSAS À AQUISIÇÃO DAS PRIMEIRAS PALAVRAS

As possíveis causas funcionais podem e devem ser relativizadas (INGRAM, 1976 *apud* INGRAM, 1989). Isso porque é preciso considerar o aspecto favorável do ambiente à provisão de *input* lingüístico. Assim, quando o sujeito está exposto a um ambiente que oferece baixo grau de interação, diálogos, estímulos lingüísticos diversos, como também a recursividade dos adultos, o desenvolvimento da linguagem no sentido amplo, logo, tende a ser atenuado, desfavorecendo a ocorrência da linguagem verbal. Os registros seguintes, com a opinião da genitora de HM demonstram a força do processo interativo no desenvolvimento lexical:

Fico preocupada com HM porque eu trabalho o dia todo e não vejo a babá interagir com ele, não conversa, não brinca, penso que ele não esteja sendo motivado. Também acho que ele está agressivo, com mudança de humor. Ele não fala, fica difícil saber o que acontece quando eu não estou em casa (grifo nosso).

Mais um componente valida o papel do contexto situacional interativo e do aspecto orgânico no desenvolvimento lexical. Trata-se do ritmo ou velocidade desse desenvolvimento. Em geral, os falantes tardios têm algum atraso no ritmo com que a linguagem expressiva é adquirida (BATES *et al.*, 1997). A análise sobre o desempenho lexical de HM, a partir de suas produções, indicou, com base nos exames fornecidos por especialistas das áreas da neurologia e da fonoaudiologia, que as alterações funcionais que incidem sobre o ritmo podem ser atribuídas à lentidão da condução nervosa das vias auditivas. Significa que os sinais elétricos gerados por estímulos auditivos chegam ao tronco encefálico baixo com certa lentidão. É possível que tal disfunção ocasione comprometimento da linguagem expressiva verbal e/ou na ampliação do universo vocabular.

A criança em questão encontra-se em uma fase de transição que faz uso do balbucio a caminho da aquisição das primeiras palavras, própria do final do período da pré-fala (TEIXEIRA, 1985), cujas características são os gestos, o balbucio, o jargão, como se comprova na seguinte declaração da mãe:

Quando quer ser atendido, ele busca o adulto, puxa pelo braço, coloca para sentar; senta e espera que o outro faça o mesmo. Grita bastante, às vezes fica muito irritado e grita demais. Daí é que vem a minha preocupação. Ele conversa mais através de gestos, gritos e barulhos.

Embora não seja, de fato, uma conversa convencional, concluo que a criança participa da interação dialógica, preenchendo seus turnos de conversação através das linguagens não-verbais. Não me pareceu que seus esquemas intelectuais apresentem nenhum déficit, apenas mantém-se correspondentes à sua fase lingüística. Isso porque sua compreensão não demonstra atrasos, ao contrário, mostra-se em grau e ritmo de desenvolvimento equivalente aos dos outros sujeitos testados. Apenas a produção lexical não revela o mesmo avanço. Para os efeitos desta pesquisa, a criança não se exclui do grupo de observação, antes contribui para reforçar o estudo de um caso que mereceu tratamento de investigação particular.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados numéricos apresentados não resumem por si só o perfil lingüístico da criança. Para identificar os aspectos lingüísticos presentes nesta fase de aquisição, interpretamos as informações estatísticas e percorremos o aspecto qualitativo, buscando apresentar o que estava subjacente a estas e demais ocorrências registradas durante a pesquisa.

Algumas estratégias marcam a compreensão e produção de palavras. Os dados registrados indicaram que a criança acena na representação de “tchau” e acena quando alguém vai embora, balança a cabeça ao dizer “não” ou “sim”, acena com a mão e diz “vem”. Os gestos, algumas vezes, se repetem numa tentativa de se fazer compreendido pelo adulto. Foram identificadas como ações que acontecem com grande freqüência: bater palmas, brincar de esconde-esconde, dançar, juntar as mãos e fechar os olhos, fingindo dormir, alimentar os pais com uma mamadeira e uma colher e pentear os cabelos dos pais.

Ora, não há dúvida que todas as ações observadas e que revelam a compreensão da criança são oriundas de vivências anteriores protagonizadas, na maioria das vezes, pelos pais para com as próprias crianças que assim seguiram. Todavia, tais ações não se resumem somente a condutas de evocação de eventos. Há aquelas que são representações em atos materiais sem, contudo, comprovação de representação internalizada ou pensamento.

Sabe-se, à luz da psicogenética, que, no período simbólico, a riqueza das condutas correspondentes ativa as capacidades intelectuais, e que o pensamento se decuplica com a atividade verbal. Mas, é preciso ressaltar uma vez mais que não se trata de um salto quantitativo espontâneo, e sim de um salto qualitativo decorrente das experiências sociais, donde podemos deduzir que o desenvolvimento lexical da criança ocorre associado às suas experiências sócio-interacionais (BRUNER, 1983, *apud* BARRET, 1997). O *input* lingüístico torna-se variável determinante, especificamente pelo fato de as pessoas do ambiente familiar estimularem a fala, gerando a interlocução e promovendo a recursividade.

Assim, a fala dirigida à criança pelo adulto tem influência significativa na compreensão apresentada pela criança, não apenas pela riqueza sócio-interativa que favorece o desenvolvimento da criança nos aspectos psicomotrízes, afetivos, intelectuais e lingüísticos, mas, sobretudo, por proporcionar à criança desde cedo uma “leitura” dos padrões lingüísticos contidos nas frases e nas palavras proferidas pelo adulto.

A compreensão dos padrões gramaticais presentes nas frases dos adultos dirigidas à criança foi mais evidente quando na oportunidade de contato com a mãe em sua residência, observei como a criança atende a comandos dirigidos a ela. A mãe de HM, na tentativa de

distraí-lo para que não interferisse na dinâmica da pesquisa, solicitou que a criança fosse até o quarto e trouxesse o saco de brinquedo para mostrar à pesquisadora: “Pegue os brinquedos lá no quarto e mostre pra R!”. A criança, prontamente, atendeu ao comando.

A criança não apenas identificou o referente “brinquedos”, mas demonstrou a compreensão dos componentes gramaticais presentes na produção da mãe e funções inerentes às palavras proferidas, como as ações “pegar” e “mostrar”, além da localização: “lá no quarto”, confirmando que, no período de aquisição das primeiras palavras, a capacidade de entender a fala adulta não se restringe à identificação do referente, embora os componentes gramaticais ainda não sejam utilizados na fala.

Certamente, este desempenho torna-se viável porque a criança aciona habilidades que já estão construídas, que são inerentes aos seus esquemas intelectuais. Este é um exemplo que traduz desde a linguagem receptiva a presença de componentes sintáticos e semânticos. Isso é possível porque a combinação das palavras exige obrigatoriamente a discriminação/tradução do significado resultante desta combinação (SLOBIN, 1980).

As informações, a partir dos dados da pesquisa, validam o papel do contexto situacional interativo e do aspecto orgânico no desenvolvimento lexical e na ampliação do universo vocabular, corroborando as pesquisas sobre os “falantes tardios” (BATES *et al.*, 1997, p. 177), vinculadas aos aspectos funcionais do sujeito e aos processos interativos.

E se faltarem as palavras? O próprio menino esperto poderia responder, não fosse a sua produção restrita a oito palavras. Quem sabe, inspirado em Cecília Meireles, diria: *as palavras aí estão, uma por uma: porém minha alma sabe mais*. Em seu jogo, essa peça não era um problema. A interação dos esquemas presentes estava ali; do aspecto lexical e semântico, preservara-se a compreensão das palavras e anunciava alguma produção. O menino se expressava por vias que não se resumiam em palavras. Através dos gestos, a interação era traduzida na sua forma de comunicação e nas estratégias de construção do mundo real.

REFERÊNCIAS

BARRETT, Martyn. (1997) Diferenças individuais e suas implicações para as teorias do desenvolvimento da linguagem. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 87 – 130.

BATES, Elizabeth; DALE, Philip; THAL, Donna. (1997) Desenvolvimento Lexical Inicial. In: FLETCHER, Paul; MACWHINNEY, Brian. **Compêndio da linguagem da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas. p. 299-322.

CHAPMAN, Robin S. (org.). (1996) **Processos e distúrbios na aquisição da linguagem**. Tradução Emília de Oliveira e Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas.

INGRAM, David. (1989) The history of child language studies. In: _____. *First Language Acquisition*. Cambridge, Mass.: Cambridge Univ. Press.

PIAGET, Jean. (1973) **A linguagem e o pensamento da criança**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura.

SLOBIN, Dan Isaac. (1980) **Psicolinguística**. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

TEIXEIRA, Elizabeth Reis. (1995) O processo de aquisição da linguagem pela criança. **Revista do Espaço Möebius**. Salvador.